

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA**

ISLANA MARIA NEVES DE ARAGÃO SARMENTO

**LITERATURA INFANTIL E LEITURA: NO PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO**

CAJAZEIRAS - PARAÍBA

05

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA**

ISLANA MARIA NEVES DE ARAGÃO SARMENTO

**LITERATURA INFANTIL E LEITURA: NO PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia,
Universidade Federal de Campina Grande – como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, habilitação em
Supervisão Escolar.

Orientadora: Profa. Ms. Maria de Lourdes Campos

CAJAZEIRAS – PARAÍBA

2005



S2461 Sarmento, Islana Maria Neves de Aragão.
Literatura infantil e leitura: no processo de
escolarização do aluno / Islana Maria Neves de Aragão
Sarmiento.- Cajazeiras, 2005.
31f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2005.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Literatura. 3. Escolarização.
I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título

CDU 82-93

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a professora do estágio Lourdes Campos, das orientações na realização deste trabalho.
As professoras da Escola Clotário de Paiva Gadelha que, conosco se empenharam em participar ativamente dessa rica experiência e a todos que direta ou indiretamente estão engajados na melhoria do processo ensino-aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter nos dado a vida, talento, esperança e discernimento para conduzir este trabalho com sucesso.

A Universidade, por nos ter proporcionado o acesso à cultura necessária à nossa formação.

A todos que se fizeram presentes nos ajudando e estimulando esta conquista.

Aos nossos familiares, educadores e amigos.

“Não há dúvida de que uma nova “era da letra impressa”, está começando para a literatura, com a consequência de que ela é a mediadora ideal (porque dá prazer, emociona, alegra, engaja o ser inteiro em sua leitura), para levar o homem (e o ser imaturo, especialmente) a descobrir o mundo em que deve viver em contínua e essencial relação com os outros e com a verdade e “responsabilidade” do seu próprio eu”. (COELHO, 1982, p.5)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I

1. REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL E O PROCESSO DE LEITURA..... 09

1.1. Concepções de leitura..... 10

1.2. Métodos de leitura 12

CAPÍTULO II

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 15

2.1. Breve caracterização da escola..... 16

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE DOS DADOS..... 17

3.1 – As Concepções dos docentes sobre o processo de literatura e leitura..... 17

CAPÍTULO IV

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO..... 22

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 26

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 27

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

O trabalho com leitura e literatura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de futuros escritores. A leitura nos fornece matéria-prima para a escrita e é um processo no qual o professor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, fazendo assim a sintonia onde o professor possibilita aos alunos a escolha da leitura ou obra literária.

Os inúmeros problemas suscitados em nosso meio sugerem que o ensino de leitura, literatura e da escrita, na fase inicial da escolarização necessita de melhores definições.

Na perspectiva de Emilia Ferreiro, a alfabetização é a construção de um objeto conceitual, o qual é um conceito de natureza complexa, cuja apropriação requer um processo de longa duração ou de vários anos. Portanto, é importante considerar a escrita como representação da linguagem.

A temática surgiu da necessidade de repassar a prática de leitura na Escola de Ensino Fundamental, devido que no dia-a-dia da escola, existem dificuldades sentidas pelas crianças no que se refere à aprendizagem da leitura e a maneira de como são aplicadas certas práticas pedagógicas como exercícios repetitivos, trazendo enormes prejuízos à vida intelectual ao educando no que se refere ao interesse à leitura, muitas vezes esse processo é negligenciado, trabalhado de forma mecânica sem objetivos preestabelecidos, de forma que não acrescentam à formação do leitor. Desse modo, o desenvolvimento da leitura, em sala de aula, deve possibilitar vivências de leitura que venham fortalecer o crescimento pleno do aluno, permitindo-lhe um conhecimento do mundo, unindo o prazer e o conhecimento, proporcionando-lhes, desta forma, o hábito de leitura desde a infância e estendendo-se por toda sua vida.

A busca de se trabalhar e desenvolver técnicas de literatura infantil na sala de aula com alunos de alfabetização vem reforçar a concepção de que nós educadores poderemos tornar possível aos alunos o contato com as obras literárias, sabendo que quanto mais cedo colocamos a criança em contato com os livros, mais cedo acontecerá a descoberta do prazer da leitura e conseqüentemente, a formação do hábito de ler.

A leitura infantil utilizada permite que a criança desenvolva habilidades de ouvir e contar histórias, criar e representar por meio de desenhos, dramatizarem, decodificar, compreender e produzir textos, seja estes orais e/ou escritos. O uso desta técnica trouxe resultados satisfatórios, pois se abriram uns amplos leques das possíveis abordagens de literatura infantil como conquistas e descobertas. Assim procuramos estimular tanto os professores quanto os alunos no intuito de transformar o dia-a-dia letivo numa prazerosa atividade.

Após o nosso relato de experiência e considerações em torno do método, desenvolvemos em sala de aula junto à professora, técnicas de leitura com uma construção de texto a partir de histórias lidas a qual deu as crianças motivações e idéias novas para construção de seus próprios textos.

Dessa forma, o presente trabalho apresenta-se da seguinte forma: no primeiro capítulo o referencial teórico sobre Reflexões sobre literatura e o processo de leitura, no qual abordo idéias centrais da temática com base nos autores: Cagliari, Coelho, Freire, Ferreiro, Goulart, Jan, Jesualdo, Martins, Kato, Pádua, Teberosky, Rego.

No segundo capítulo, os procedimentos metodológicos utilizadas neste estudo; e o terceiro capítulo as análises dos dados coletadas junto aos professores a partir de questionário com questões abertas e fechadas. No quanto capítulo as atividades desenvolvidas nos encontros. E por fim, as considerações finais, esboçam-se um quadro resultante do entendimento do problema, algumas ações e reflexões, auxiliando, num primeiro passo para novas abordagens que o tema leitura e escrita pode suscitar.

CAPÍTULO I

1 – REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA E O PROCESSO DE LEITURA

A literatura oral infantil tem sua origem desde de muito tempo, quando as amas de leite e educadores transmitiam costumes dos seus antepassados, através de lendas, fábulas entre histórias ou relatos. Desde a mais tenra idade, as histórias infantis povoam a mente das pessoas; contos de fadas, histórias fantásticas, sobrenaturais fazem parte do imaginário de crianças e adultos.

Contar histórias para crianças pequenas é uma atividade muito comum em várias culturas. No entanto, há uma diferença acentuada entre uma história contada e uma história lida. Ao ouvir uma história, a criança faz a sua imaginação criar o seu próprio cenário, com o seu mundo ilusório, principalmente quando ela tem acesso às gravuras da história, ao ler a história, ela já se apegando mais à realidade da própria história, fazendo assim o cenário parecer real.

Nos dias atuais é necessário à implantação de uma prática pedagógica, que se volte para os processos de construção e descoberta por parte das crianças, no sentido de possibilitar o contato com as obras literárias. É muito difícil uma criança que não se interesse por ouvir histórias e não expresse espontaneamente um interesse lúdico pela palavra.

A literatura infantil tem duas credenciais básicas para ser o caminho que poderá conduzir a criança de forma eficaz ao mundo da escrita. A primeira se prende a conteúdos que são do interesse da criança e a segunda é que através desses conteúdos ela poderá despertar a atenção da criança para as características sintático-semânticas da língua escrita e para as relações existentes entre a forma lingüística e a representação básica.

Na visão de Jan (1969, p. 9). “O importante na literatura infantil não é tanto que ela seja ou não literatura, mas que seja infantil, esta é a característica que lhe dá todo o seu interesse e que lhe confere sua dignidade”.

Existe uma necessidade de mudança da prática pedagógica do professor na sala de aula, para um melhor desenvolvimento do aluno de sua capacidade intelectual. Implantar a hora da leitura independente do livro didático com histórias infantis é uma boa alternativa. A finalidade das histórias infantis não é apenas divertir, mas também instruir e educar.

Segundo Jesualdo (1985, p. 14) “Os contos favorecem um trabalho de reescrita, a partir da leitura e da discussão sobre a organização da história” mais importante do que aulas teóricas sobre literatura são o contato do aluno com os livros e com as questões relativas a eles. Só a reflexão e a discussão dos problemas que cercam a literatura infantil e a leitura constante e crítica da obra destinada à infância possibilitarão uma atuação eficiente do educador nesse campo de literatura.

Ao trabalhar a literatura infantil estamos divertindo, encontrando, transformando o pensamento e ampliando o uso da literatura infantil como instrumento educativo, fazendo com que as crianças comparem épocas, estilos, narrem, criem, leiam entre outras funções.

Se analisarmos as grandes obras que através dos tempos se impuseram como “literatura infantil”, Coelho (1984, p.25) a coloca como “objeto” que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, “modifica” a consciência-de-mundo de seu leitor, a literatura infantil é Arte. Por outro lado, como “instrumento” manipulado por uma intenção “educativa”, ela se inscreve na área da pedagogia.

1.1 – Concepções de Leitura

Cagliari (1994, p. 148) vê a leitura como uma extensão da escola na vida das pessoas. E que esse processo não é uma tarefa específica da escola, ela já conhece muito antes do que a mesma imagina.

Como diz Freire (2002, p.11), “antes da criança começar a ser alfabetizada, já sabe ler o mundo, ampliando esse processo ao longo dos anos subseqüentes”. Diante disso, é fundamental ensinar as crianças a ler partindo do seu próprio dialeto.

Segundo Martins (1994, p. 22) o conceito de leitura “está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação do indivíduo à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural”. Como a leitura está ligada essencialmente a escrita e se há vários tipos de escrita, assim também haverá correspondentes tipos de leitura, onde a mesma pode ser ouvida, vista ou falada.

Diante de um texto escrito podemos observar a leitura falada, que é interpretada e decodificada por alguém que lê e traduz o escrito numa realização de fala. Essa mesma leitura oral também pode ser feita por pessoas que “lêem” o texto ouvindo-o, é o que ocorre com as crianças quando os adultos lêem histórias para elas. E por fim, a leitura visual, ela só não inibe as pessoas por questões lingüísticas, como permite uma velocidade maior de leitura e assim melhor interpretação de um texto.

A imagem, que por muitos é considerado um processo de esvaziamento pode ser um dos métodos mais ricos de informação para as crianças. Em relação a ela e as letras, ambas são significativas e possuem características próprias, apresentando vantagens e desvantagens nas produções textuais. Por um lado à escrita sem imagem irá permitir que o leitor imagine e crie o seu mundo, caracterizando os personagens conforme seus desejos. Por outro lado, conciliar a leitura às imagens em movimento reserva emoções que um texto escrito pode revelar fracamente. Em face disso, Martins (1994, p. 34) afirma que:

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Podemos dizer assim, que através da leitura manifestamos desejos que por vez, apresentam-se inconscientes nas crianças. Portanto, o ideal seria quando possível, relacionar a leitura dos textos escritos com a leitura das imagens como experiência de um bom trabalho a ser desenvolvido.

Ainda segundo Martins (1994, p. 36) existem três níveis básicos de leitura os quais é possível visualizar, sendo que cada um destes níveis corresponde a um modo de aproximação ao objeto lido, são eles:

A *leitura sensorial*, ela vai dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, mesmo inconsciente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar.

A *leitura emocional*, emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se,

pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo.

E por fim, a *leitura racional*, a mesma enfatiza o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência sobre os sentimentos e a vontade. Um aspecto muito difundido dessa concepção é o fato de, em princípio, ela limitar a noção de leitura ao contexto escrito, pressupondo educação formal e certo grau de cultura ou mesmo erudição do leitor.

Portanto, observamos que escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. No entanto, o que se tem observado é que a escola dá mais ênfase a escrita do que a leitura, isso porque a mesma sabe avaliar mais os acertos e erros da escrita do que da leitura propriamente dita.

Cagliari (1994, p. 08) acredita que no mundo em que vivemos é muito mais importante saber ler do que escrever, principalmente para as pessoas que moram na cidade, pois tudo hoje é comunicado através de sinais, letras, painéis eletrônicos, etc. E ao iniciar a alfabetização dando ênfase à leitura, a escola poderá diminuir a repetição e evasão.

1.2 – Métodos de leitura

De acordo com Bárbara (1994), podemos dividir a história do ensino da leitura e escrita em três períodos principais:

1 – O primeiro que vai da antiguidade até meados do século XVIII é marcado pelo uso exclusivo do chamado método sintético (letra, fonema, sílaba).

2 – O segundo, a partir do século XVIII, em que tem início um processo de oposição teórica ao método sintético pelos precursores do chamado método global, oposição esta que se efetivará no início do século XX, com Decroly (palavra chave, frase, conto).

3 – O atual, em que ultrapassando a disputa entre defensores do método sintético e defensores do método analítico, indaga-se o que é fundamental desses dois métodos: será necessário passar pela mediação da fala para aprender a ler?

A pedagogia da alfabetização tem disponíveis até hoje esses dois caminhos: o método sintético e o método analítico. Os dois visam levar a criança à compreensão da existência de uma ligação entre os signos da língua escrita e os sons da língua oral.

O método sintético tem seu ponto de partida no estudo dos elementos da língua-letra, fonema, sílaba. E considera o processo da leitura com um esquema somatório pela soma dos elementos mínimos – o fonema -, o aprendiz aprende a palavra. Pela somatória das palavras, a frase e o texto, o método sintético insiste, fundamentalmente, na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Estabelece a correspondência a partir dos elementos mínimos (que são as letras), em um processo que consiste em ir das partes ao todo. Durante muito tempo se ensinou a pronunciar as letras, estabelecendo-se as regras de sonorização de escrita no seu idioma correspondente.

O método analítico parte dos elementos de significação da língua-palavra, frase, conto. E por uma operação de análise, a palavra é segmentada em seus elementos mínimos: o fonema ou a sílaba, **O método analítico** - para os defensores do método analítico, ao contrário, a leitura é um ato global e ideovisual. Decroly contesta os postulados do método sintético, acusando-o de mecanicista, e postula que “no espírito infantil as visões de conjunto precedem a análise”. O prévio, segundo o método analítico, é o reconhecimento global de palavras ou orações; a análise dos componentes é uma tarefa posterior. Não importa a dificuldade auditiva daquilo que se aprende, já que a leitura é uma tarefa predominantemente visual. Propõe-se ainda a necessidade de começar com unidades significativas para a criança, daí a denominação ideovisual.

Os dois métodos são opostos quanto às operações básicas que envolvem: síntese e análise. Mas os dois têm uma finalidade comum: para aprender a ler, a criança tem de estabelecer uma correspondência entre o som e grafia. Tanto para uma como para outra, esta correspondência é a chance da leitura. No entanto a criança aprende a ler oralizando a escrita.

Com base nas idéias de Kato (1999), para uma boa parte dos alfabetizadores, o “método” parece estar unicamente ligado à unidade linguística com que se trabalha: silábico versus fônico, por exemplo. Não lhes parece esclarecido que as duas modalidades possam objetivar um mesmo tipo operação mental por parte do aluno: a análise ou síntese. Kato (1999, p.6) afirma: “Se lhes for perguntado se o método silábico é analítico ou sintético, muito não saberão responder”.

Ainda em comum acordo com a autora outro aspecto preocupante em nossas escolas é a excessiva preocupação com a escrita e o pouco caso que se faz do desenvolvimento da leitura. Isto parece fazer supor que a produção segue-se automaticamente a recepção. Com outras palavras, se o professor ensinar a escrever ele aprenderá automaticamente a ler. Na verdade, uma vez iniciado o processo de aquisição da leitura e da escrita, parece haver uma interferência de forma que quanto mais se lê mais se escreve e vice-versa.

Voltando ao problema das operações de análise e síntese pode entender que ambos os processos estejam subentendidos as atividades de leitura e escrita.

É importante entender as hipóteses sobre aprendizagem em relação a esses métodos.

Baseando-se nas pesquisas de Kato (1999), analisemos cada tipo e vejamos o que se subtemde:

1 – O método global puro supõe que a assimilação mental do estímulo visual se dê de forma ideográfica, sem análise das partes que o compõem.

2 – O método global analítico-silábico supõe que a concepção da criança sobre a palavra escrita é que os estímulos são divididos em unidades menores, silábicos, ou que é possível introduzir a ela tal noção.

3 – O método global analítico-fonêmico supõe de antemão ser essa decomposição possível de ser feita a nível fonêmico-grafêmico.

4 – O método silábico-sintético supõe que a criança seja capaz de perceber uma entidade mais que abstrata que a palavra, a sílaba e a partir da sua representação grafêmica chegar à unidade que tenham significados como a palavra e a frase.

5 – O método fônico-sintético supõe que o aprendiz seja capaz de captar unidades sonoras físicas menores que a sílaba – o fonema – para, a partir da sua representação grafêmica, chegar às unidades significativas.

CAPÍTULO II

2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente fizemos um levantamento para detectar as reais necessidades, da escola campo, e decidimos desenvolver o projeto de Literatura Infantil – Leitura: No Processo De Escolarização do Aluno com os objetivos de compreender melhor o processo de literatura e leitura.

Optamos por uma pesquisa de caráter exploratório, que vai nos facilitar a aproximação com o nosso objeto de estudo oportunizando mais familiaridade e melhor relacionamento acerca do tema. Com base nessa abordagem exploratória utilizamos como instrumento de coleta de dados, o questionário por ser um instrumento possível para se conhecer o problema em questão. Para PADÚA (1998, p.30) “[...] é o instrumento de pesquisa mais adequado à quantificação porque é fácil de codificar e tabular, proporcionando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado”.

A aplicação do questionário foi feita diretamente com os professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série), da Escola Municipal de Ensino Fundamental Clotário de Paiva Gadelha – Sousa – PB, através de questões fechadas e abertas coletamos a opinião dos professores sobre a temática.

Após o levantamento de dados, realizamos a sistematização e análise das informações, tendo também por base o referencial teórico como forma de melhor compreender os discursos dos professores e as dificuldades enfrentadas para trabalhar a leitura e a escrita.

As atividades do estágio foram realizadas através de um programa de estudo de textos, discussões, reflexões, trocas de experiências e dinâmicas, objetivando uma melhor compreensão acerca de como é desenvolvido o trabalho dos professores em sala de aula.

Durante os encontros trabalhamos temas relacionados com às dificuldades de leitura e escrita nas séries iniciais tais como: A Escola permite que a criança se aproprie da escrita; Relação entre aquisição de linguagem oral e aquisição de linguagem escrita; Ler

rima conviver: construção de Significados; Leitura: Instrumento fundamental de aprendizagem; Educador: um mediador da leitura; O professor e o aluno na escola, com a preocupação de redimensionar o processo de leitura na escola.

2.1 – Breve caracterização da escola

A Escola Municipal da Guanabara foi fundada no ano de 1960, no Governo de André Avelino de Paiva Gadelha, funcionava como escola isolada em um prédio alugado por um longo período.

No período de 1985 a 1986, no Governo de Nicodemos de Paiva Gadelha foi construído o prédio da escola, o terreno foi doado pelo industrial e agro pecuarista Clotário de Paiva Gadelha. Sendo a mesma homenageada com o nome de seu doador.

A escola conta hoje com um número de 102 alunos, distribuídos entre turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Trás como tema à solidariedade, ela vê como única saída para a resolução dos problemas sociais.

A escola está localizada a Rua Telegrafista Antonio de Amorim S/N – Sousa – PB, no bairro Guanabara, na zona sul da cidade, é de fácil acesso à clientela; os alunos que estudam na referida escola moram perto.

O nível sócio econômico da clientela é de classe baixa, porém atende alunos de todas as proximidades. A comunidade se constitui de analfabetos aos mais letrados, ou seja, ela é diversificada; a escola convive com problemas de desestruturação como desemprego, alcoolismo, drogas e outros.

Com relação ao espaço físico, contamos com as seguintes dependências: 01 diretoria, 01 biblioteca, 01 sala de vídeo, 01 sala de professor, 04 salas de aula, 01 sala de reforço, 01 auditório, 01 cantina com depósito, 04 banheiros, 01 sala de computação e 01 sala para espaço pedagógico. De um modo geral a escola apresenta-se com um bom aspecto físico faltando apenas maior valorização por parte da comunidade. Têm na sua estrutura os seguintes recursos didáticos: livros, fitas de vídeos, CDS e videoteca.

A escola possui de 01 diretora, 01 secretária, 01 supervisora, 05 professores, 02 merendeiras, 04 auxiliar de serviço, 02 auxiliar de disciplina, 05 agentes administrativo, 02 auxiliarem de biblioteca, os professores da referida escola apresentam nível superior, com exceção de apenas um deles que concluiu o ensino médio. São formados em Letras, Pedagogia, História e Geografia.

CAPÍTULO III

3 – ANÁLISE DOS DADOS

3.1 – As Concepções dos docentes sobre o processo de literatura e leitura

Aplicamos o questionário com quatro professores com o objetivo de compreender melhor o processo de literatura e leitura desenvolvida pela escola. Os professores foram identificados com (A, B, C e D).

No que diz respeito à frequência que é trabalhada a literatura e leitura em sala de aula – 100% dos professores colocaram que trabalham diariamente, a prática de literatura e leitura, facilitando assim, o processo de aquisição de literatura e leitura, uma prática freqüente e eficaz, possibilita uma formação integral do indivíduo.

Constatamos que os professores procuram diversificar a metodologia de ensino, pois utilizam fitas de vídeos, livros, e outros recursos em suas salas de aula, observando também os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos.

Referente aos recursos didáticos trabalhados em sala de aula – 100% dos professores disseram que trabalham com textos didáticos, revistas, rótulos e jornais. Por esta razão, parece-nos que os professores investigados têm clareza de que não devem se deter apenas aos textos didáticos, mas aos vários recursos textuais. Portanto é indispensável uma boa diversidade de recursos para que facilite o processo ensino-aprendizagem.

Percebe-se então, que é importante a utilização de vários recursos textuais como afirma GOULART (1999, p. 104):

É necessário que as crianças tenham acesso a uma diversidade de textos para que possam aprender mais sobre o uso da língua escrita... É, pois, lendo os diferentes tipos de texto que a criança vai conhecendo suas diferentes características, suas diferentes funções e as diferentes maneiras de ler.

Segundo vários estudiosos, a aprendizagem da leitura e da escrita deve ser uma atividade dinâmica e significativa na vida social da criança, fazendo com que ela tenha prazer em realizá-la. Para isso, o professor deve buscar vários recursos textuais ligados a vida cotidiana da criança e não se limite a leitura rotineira e enfadonha que é oferecida na escola.

Quanto à participação dos professores em relação à temática literatura e leitura na sala de aula – 75% dos professores colocaram que já haviam participado de estudo, enquanto que 25% não, é importante participar de estudos, pois possibilita a aquisição de conhecimento e prática sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita em sala de aula. Neste sentido, percebe-se que a maioria dos professores já trabalharam com esse tema, sendo de fácil compreensão para eles o trabalho da literatura e leitura.

Conhecimentos adquiridos sobre a literatura e leitura – 50% responderam como muito satisfatório, 25% como satisfatório, e 25% não responderam. Para que os docentes utilizem estes conhecimentos trazidos pelos alunos à sala de aula, faz-se necessário que se encontrem bastante informados dos vários recursos oferecidos pelo mundo que nos rodeia, por esta razão os professores investigados tem clareza de que não devem apenas se deter apenas aos textos didáticos, mas aos vários recursos textuais.

A leitura que você faz individualmente pode ser considerada – 75% dos professores realizam de forma satisfatória, enquanto que 25% dizem ser muito satisfatório.

No que se refere à importância do trabalho da literatura e leitura realizada em sala de aula – todos foram unâimes em afirmar que a leitura serve para “desenvolver os cidadãos para serem críticos e conscientes de seu papel na sociedade, e verificar o nível de aprendizagem e assim trabalhar com as dificuldades existentes”. O trabalho da leitura deve ser um momento para observar o nível de aprendizagem, individual e trabalhar as dificuldades, na tentativa de construir um cidadão crítico, alegre e mais humano.

Como deve ser desenvolvido o processo de aquisição da literatura e leitura na sala de aula – a professora A, “destaca que deve ser apresentada na sala de aula como um instrumento que possibilite a descoberta de novos caminhos e proporcione prazer na hora de ler e escrever”.

A professora B, “aponta que através de textos de interesse dos alunos que possibilite a formulação de hipóteses e a socialização às idéias contidas nos textos”.

A professora C, destaca que **“através de conteúdos contextualizados, produzindo textos oral e escrito”**. Percebe-se nos depoimentos que a leitura deve ser desenvolvida através de textos de interesse dos alunos, despertando o prazer pela leitura no sentido de possibilitar a socialização das idéias contidas nos textos.

Referente o que os professores entendem por leitura – a professora A, expressa que **“é o hábito de ler e interpretar é você ler e saber o que está lendo”**.

A professora B, conceitua a leitura como:

Uma atividade que vai além da simples decodificação de palavras a partir do momento que o aluno está alfabetizado, no sentido mais restrito da palavra, fará uso da leitura para ler na escola: enunciado de exercícios, problemas matemáticos, lista de palavras com escrita semelhante para que possa memorizá-las a fim de escrevê-las *corretamente*, conceitos, fatos históricos e informações muitas vezes bastante distantes de sua realidade, distantes de seus interesses e inquietações e, algumas, até inúteis para a sua vida, entretanto esta prática implica na marginalização da função social da leitura. Ela se apresenta em função de outros objetivos que, para a escola, parece ter maior valor.

Nesta perspectiva, o professor precisa saber introduzir a literatura e leitura na vida da criança, reconhecendo que a mesma participa dessas atividades desde seus primeiros anos de vida, ao assistir programas de televisão, ao observar o uso da lista de compras utilizada pela mãe.

A professora C, considera a leitura como: **“um processo de aprendizagem, pois, é lendo que se aprende para ensinar. É a peça chave na formação do ser humano”**. Nas escolas é a fase mais esperada nas séries iniciais. Faz-se presente em tudo, não só em formas escritas basta um olhar para se fazer uma leitura.

A professora D, define a leitura **“como a capacidade de interpretar o mundo à nossa volta, seja por símbolos, escrita, oralidade, imagens e sensações”**. Com a leitura sentimos emoção, fantasia, alegria ou tristeza, suspense, viagens. É com ela que adquirimos conhecimentos, cultura, informação.

Referente às dificuldades enfrentadas por elas em relação a trabalhar leitura em sala de aula – 75% dos professores responderam que enfrentam dificuldades em trabalhar a leitura em sala de aula, enquanto que 25% não enfrentam. As dificuldades de aprendizagem devem ser diagnosticadas de forma diferente em relação a outros transtornos próximos. O desenvolvimento e a aprendizagem são processos de construção

de conhecimentos, mas o que evidenciamos nas escolas é um dia-a-dia rotineiro, preenchido de atividades que impossibilitam a reflexão das crianças.

Porém, não cabe culpar só aos professores e a instituição de ensino por essas dificuldades apresentadas na aquisição do conhecimento, mas também ao processo de estruturação curricular e ao que o mesmo defende que muitas vezes foge da realidade do discente; além da responsabilidade dos pais e acompanha os filhos no aprimoramento do processo educativo.

Quando perguntamos o que os professores fazem para superar essas dificuldades em relação à leitura – a professora A, coloca que “busca trabalhar com textos que chame a atenção da criança para que desenvolva o conhecimento”. É importante que os professores despertem o interesse do aluno para que haja uma melhor interação.

A professora B, **aponta que “o professor deve passar segurança ao aluno e mostrar que ele tem capacidade de se dedicar um pouco, com aulas diferenciadas o professor mostra seu interesse e preocupação pela turma”.** Nesse sentido o professor deve valorizar a participação do aluno e a criatividade com aulas em ambientes computacionais, como uma maneira de prender a atenção e desenvolver um trabalho com participação efetiva. O professor deve passar segurança ao aluno e mostrar que ele tem capacidade de se dedicar um pouco.

A professora D, **destaca que “Com aulas diferenciadas o professor mostra seu interesse e preocupação pela turma”.** Desse modo, devemos inovar a maneira que trabalhamos nossas aulas para que as crianças se interessem e obtenham um bom aproveitamento escolar.

Diante das dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita por partes dos alunos, os professores buscam incessantemente novos métodos na realização de uma prática ideal. Embora os docentes apliquem diversos e novos métodos em suas salas de aula, seus alunos encontram-se distantes do domínio da leitura e da escrita. Isso se dá porque os professores ainda não se deram conta de que não é o método de ensino que determina a aprendizagem.

Como já foi dito anteriormente, a criança já chega à escola com um grande conhecimento, precisando desse modo ampliá-lo no ambiente escolar. O professor deverá em primeiro lugar conquistar o aluno, estimulando-o para a aprendizagem da leitura e da escrita. Neste sentido, a escola precisa mudar o processo de ensino da leitura e da escrita.

Perante a realidade social vigente mundialmente, a aquisição da leitura e da escrita na vida cotidiana das pessoas, tornou-se imprescindível. Isso quer dizer que o aluno não necessita apenas no seu ambiente escolar, mas precisa saber ler e redigir na vida cotidiana.

Como a criança mesmo antes de chegar à escola já convive com diversos portadores de texto, ao ingressar nela, o professor deve criar na sala de aula um espaço diversificado, de modo a retratar o ambiente social vivido pela a mesma. O ambiente escolar deve conter vários materiais impressos, como: escritos urbanos, escritos domésticos e os escritos das máquinas interativas.

CAPÍTULO IV

4. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

As atividades de Estágio foram realizadas através de encontros semanalmente com os professores na Escola “Clotário Gadelha”. Discutimos sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita por parte dos alunos de sua escola. À medida que se apresentava os textos sobre o referido tema, os docentes tinham a oportunidade de refletir sobre suas práticas no ensino de literatura infantil e leitura, e conseqüentemente, teciam comentários a respeito destas práticas e ao mesmo tempo buscavam entender quais seriam os melhores caminhos para trabalhar em suas salas de aula.

De acordo com seus comentários, observamos que os professores a todo o momento procuraram buscar o motivo das dificuldades de literatura e leitura apresentadas pelas crianças. Eles acreditam que os alunos não aprendem a ler e escrever por não terem uma assistência melhor de seus pais. Isto ficou bem nítido em nossas discussões. Podemos ilustrar isso através do depoimento da professora A, quando afirma que: “a família tem uma grande parcela de culpa, por não está presente na aprendizagem dos filhos”.

Os referidos professores acusam os pais diante da desmotivação dos filhos, embora atribuindo a maior parcela de culpa aos pais, os docentes consideram que os alunos também são “culpados” na falta de aprendizagem, por não apresentarem interesse com os estudos. Porém, estes professores não deixam de atribuir uma boa parte da “culpa” a si mesmos. Um dos professores deixou transparecer isto quando afirmou que: “de uma maneira geral, a falta também é do professor por não incentivar a turma”, porém observamos que a escola onde foram realizados os encontros está localizada em um bairro periférico, sendo que os pais têm um baixo nível de instrução e uma preocupação maior em trabalhar para sobreviverem, não tendo, muitas vezes, condições de acompanhar seus filhos. Não podemos, no entanto, deixar

de considerar a importância dos pais na educação das crianças, pois segundo Teberosky (2003, p.19):

Nas famílias onde ocorre o que denominamos “práticas de leitura”, os adultos contribuem para o desenvolvimento do conhecimento sobre a escrita e sobre a linguagem escrita. A contribuição pode ser mais direta, através da leitura de histórias, ou mais incidental, através da interação com o abundante material impresso urbano ou doméstico, tão comum em nossa sociedade atual.

Além das famílias, os professores precisam trabalhar de diferentes formas em sua sala de aula para motivar os alunos. Segundo Teberosky (2003, p. 85) “a seleção de diferentes tipos de escritos responde ao objetivo de favorecer a permeabilidade entre o ambiente social e a escola”.

Os professores mencionaram que valorizar o conhecimento prévio dos alunos, permitindo assim, que tenham contato direto com o material concreto para o melhor aproveitamento na aprendizagem da leitura e da escrita. No entanto, a escola não apresenta um bom espaço destinado a momentos de leitura, não contribuindo com o desenvolvimento da motivação desta atividade. Porém, alguns dos professores procuram afirmar que, dentro de suas possibilidades, trazem diversos materiais impressos para o ambiente escolar, proporcionando uma diversidade no trabalho da leitura e da escrita.

Trabalhamos com o texto a Escola permite que a criança se aproprie da escola do autor Gnerre, ao refleti-lo as professoras colocam que a escola pública empurrava o conteúdo das aulas com a barriga, pois os alunos não queriam nada com as aulas, enquanto que, na escola particular ela ensinava de maneira adequada, pois ele se preocupava com o aprendizado do aluno. Disseram ainda, que os alunos já vem desmotivado para aprender, pois os pais têm problemas em casa ou no trabalho e não ajudam as crianças nas atividades escolares.

Discutimos sobre o processo de aquisição da linguagem, os professores disseram que eles não são apenas os mediadores da aprendizagem dos alunos, deve haver uma interação entre o professor e o aluno. A escola tem o papel de ensinar os conteúdos aos alunos na perspectiva de construir novos conhecimentos.

Os professores apontaram que quando há vivência em casa com a literatura e leitura, os alunos já vem estimulados para desenvolver as atividades em sala de aula.

Rego (1995, p. 30) coloca a necessidade de trabalhar “a literatura infantil como um caminho para alfabetização”. A literatura infantil se prende geralmente a conteúdos que são

de interesse das crianças, através desses conteúdos ela poderá despertar na criança as características sintático-semânticas da língua escrita e as relações existentes entre a forma lingüística e a representação gráfica.

Questionados os professores sobre como adaptar à hora da leitura a situação de sala de aula, colocaram que:

- É importante para as crianças de essa faixa etária poder visualizar o livro;
- A professora deve ler de forma literal, porém clara e agradável;
- É importante o professor manter-se aberto às perguntas das crianças e incentivá-las a troca de experiências sobre o texto lido.

Os docentes afirmaram que as crianças de sua escola tinham bastante deficiência em relação à aprendizagem da leitura e escrita. Durante as discussões relacionaram essas dificuldades à ausência da família na escola e a desmotivação dos alunos, comprovando assim, o que haviam mencionado no questionário.

A escola muitas vezes comete o erro de acreditar que a criança encontra dificuldade de aprender a ler e escrever nas séries iniciais porque não tem maturidade suficiente para aprendizagem destas duas habilidades. Os professores devem ter a convicção “de que seus alunos não partem do zero, e sim de que tem conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens” (Teberosky, 2003, p. 81).

Costuma-se perguntar em que momento e em qual espaço começa a aprendizagem da leitura e da escrita. Poderíamos ter várias suposições que afirmam que os adultos definem a melhor hora em que as crianças podem aprender. Hoje, através de várias pesquisas, muitas teorias do conhecimento já consideram a idéia de que, nem adultos, nem escolas, retêm nas mãos o momento da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças.

Os professores, supervisores e administradores devem unir-se em prol do aperfeiçoamento do ensino, buscando o melhoramento da educação como instrumento de realização pessoal. Neste contexto, a Literatura Infantil precisa ser descoberta como uma experiência essencial na vida da criança.

Dessa forma, consideramos oportuno que o supervisor organize com os docentes atividades significativas com aos alunos através da coordenação de atividades pedagógicas que desperte o interesse da leitura no aluno.

- Propiciar atividades de leitura literárias, visitas à biblioteca, feira de livros e outras atividades que contribuam para o enriquecimento do aluno;

- Apresenta subsídios teóricos para os professores quanto à literatura infantil, estimulando-os para a realização dessa prática em sala de aula.

Segue algumas sugestões para contar histórias na visão de GUES (1999, p. 30).

- Gostar de histórias.
- Naturalidade – contar a história como se estivesse conversando. Usar suas próprias palavras.
- Usar vozes adequadas – voz fina e apressada para uma formiga; voz grossa e lenta para um jabuti; voz leve para a borboleta; voz grossa para o homem; fina para a criança; natural para o melhor, etc.
- Usar onomatopéias – Roque-roque para quando falar no rato; quá-quá quando mencionar o pato; pum-pum, para o trovão, etc.
- Material – Flanelogravura, gravuras, teatro de fantoches, de sombras, cineminhas, etc.
- Não gritar, nem falar baixo demais – mesmo com microfone é preciso cuidados com a voz.
- Dicção – Pronunciar bem as palavras até a última sílaba.
- Evitar cacoetes – É muito desagradável ouvir uma história entremeada de então... então... então... ai... aí... aí... Não é? ... Não é? Não é?...
- Ter cuidado – Fazer pausas pronunciadas após momentos de suspense. Os ouvintes poderão assim imaginar o que vai acontecer.
- Criatividade – Use bem a sua imaginação criadora. Contar história é uma arte.
- Enfim contar histórias com muito entusiasmo – Fazer a criança elevar a sua capacidade de viajar na sua imaginação.

CONCLUSÕES

Durante o estágio percebemos claramente que a literatura infantil é um caminho eficaz para desenvolver a leitura, porque ela cativa as crianças fazendo com que manifestem as suas idéias, suas descobertas, relacionando-se às suas próprias experiências.

Sentimos que está sendo bem utilizada a literatura infantil, professores e supervisores precisam se unir com um só objetivo a fim de fazer com que a literatura infantil seja vivenciada pelas crianças como uma atividade prazerosa e que os textos, contos literários sejam percebidos como mediadores de valores sócio culturais, sabendo que para o alcance de tal objetivo precisarão de tempo, persistência e dedicação contínua.

A literatura infantil deve trabalhada de maneira mais significativa. Nesta perspectiva é necessário que a supervisão escolar colabore com o processo ensino-aprendizagem como forma de manter a motivação do professor para realizar o trabalho com seus alunos.

A literatura e leitura na escola, é tida como uma prática costumeira. O ato de ler possibilita uma visão abrangente de mundo e uma abertura de caminhos para uma descoberta da realidade. Este estudo mostrou, portanto que a leitura é tratada com relevância pelos professores e, sobretudo como uma prática complementar ao processo de ensino/aprendizagem do aluno. Este, por sua vez dependendo do estímulo que recebe desenvolve ou não o hábito de ler.

Percebi durante o estágio que a literatura e a leitura têm sido fundamental, um objeto de ensino, comprovei uma prática pedagógica que atende ao incentivo da leitura com requisito indispensável ao conhecimento do mundo como um todo. Mesmo as professoras tendo que enfrentarem por problemas que comprometem a leitura dos alunos que acontecem à parte da escola, como condições de trabalho, falta de materiais disponíveis, ausência da colaboração familiar entre outros que dessa forma dificultam o andamento da prática da leitura e da escrita.

O estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental Clotário de Paiva Gadelha foi de grande importância para as professoras, pois as mesmas sentiam necessidade de estudar, discutir um pouco mais a leitura e a escrita, se aprofundarem como fizemos durante os encontros, para assim poderem resolver situações do cotidiano escolar e melhorar o ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 1985.

ABUD, M. J.M. **O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização**. São Paulo: EPU, 1987. (Temas básicas da educação e ensino).

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira ensaio e preliminares para sua história e suas fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1986.

ARROYO, M. Subsídios para "Práxis educativa" da supervisão educacional. In. BRANDÃO, C. **O educador vida e morte**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

BARBOSA, J. J. **Alfabetizado e Leitura**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Magistério 2º grau. Série – Formação de professor; v. 16).

CITELLI, B. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001 – (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 7).

COELHO, N. N. **A literatura infantil: História, teoria – análise**. 3 ed. Coelho – refundida e ampl. São Paulo: Quorum, 1984.

CUNHA, M.A. A. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1983.

DEWEY, J. **Educação e experiência**. São Paulo: Companhia Editora Racional, 1976.

GNERRE, Maria Bernadete M. A.; CAGLIARI, Luiz Carlos; MAGALHÃES, Maria Antonia C. C.; LIMA, Sara Cunha. *Leitura e escrita na vida e na escola*. (Textos apresentados em um seminário)

GOULART, Cecília Maria. Ler rima conviver: construção de significados. In: *Salto para o futuro*: Ensino Fundamental. Vol. I. Brasília: Ministério da Educação/SEED, 1999. p. 99 – 104.

GUES, L. P. *Introdução a literatura infantil e juvenil*. 2. ed. São Paulo: Figueira.

JAN, I. *La littérature enfantine*. 2 ed. Paris: Lês editions Ouvirières, 1969.

KATO, M. A. *O aprendizado da leitura*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 – (texto e linguagem).

MAGNANI, M. do R. M. *Leitura, literatura e escola*. São Paulo: Fontes, 1989 – (Coleção texto e linguagem).

PÁDUA, Elisabete M. M. O Trabalho como iniciação à pesquisa científica. In: CARVALHO, Maria Cecília M. de (org.) *Metodologia Científica: fundamentos e técnicas*. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

REGO, L. L. B. *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1995.

TEBEROSKY, Ana e Cardoso, Beatriz orgs. *Reflexão sobre o Ensino da leitura e da escrita*: 9ª ed. Vozes, Petrópolis 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
PALACIO 15 - 50041-906

ANEXOS

QUESTIONÁRIO

1 – Com que frequência você trabalha a literatura e leitura em sala de aula é:

- Diariamente
- Uma vez por semana
- Duas vezes por semana
- Três vezes por semana
- Não trabalha

2 – Que recursos textuais você trabalha no ensino da literatura e a leitura com os alunos são:

- Textos didáticos
- Revistas
- Fitas de Vídeo
- Rótulos
- Jornais
- Outros. Justifique

3 – Você já participou de estudos sobre a temática ensino da literatura e leitura.

- Sim
- Não

Justifique sua resposta.

4 – Caso a sua resposta seja afirmativa como você avalia os conhecimentos apreendidos.

- Totalmente satisfatório
- Muito satisfatório
- Satisfatório
- Pouco satisfatório
- Insatisfatório

5 – A leitura que você faz individualmente pode ser considerada:

- Totalmente satisfatória
- Muito satisfatória
- Satisfatória
- Pouco satisfatória
- Insatisfatória

6 – Que importância tem para você o trabalho de leitura e escrita realizada na sala de aula com os alunos?

7 – Para você, como deve ser desenvolvido o processo de aquisição da literatura e da leitura na sala de aula?

8 – O que você entende por leitura?

9 – Você enfrenta dificuldade para trabalhar leitura em sala de aula ?

- Sim
- Não.

Quais?

10 – O que você faz para superar as dificuldades de leitura?